

DEUS É PURA BEM-AVENTURANÇA

Cursos de Verão 2000, Capítulo 10.

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba

Brindavan, 23 de maio de 2000.

*A Encarnação da Suprema Bem-Aventuraça,
A Encarnação da Felicidade Transcendental,
A Encarnação da Sabedoria Transcendental,
Aquele além da dualidade, Aquele em Eterna Bem-Aventuraça,
A Encarnação da Unicidade,
O Ser Supremo, o Eterno Uno,
O Imaculado, o Sempre Constante e
A Eterna Testemunha.*

Na parte do *Anandavalli* do Rig Veda, há uma bela e poética referência a *Brahmananda* (Suprema Felicidade). *Brahmananda* refere-se à Bem-Aventuraça que é ilimitada e está além da descrição por palavras; é também algo que não pode ser compreendido pela mente comum. A não ser que se leve uma vida calma, pura, nobre, virtuosa, tranquila e imaculada, não é possível compreender nem experimentar essa Suprema Bem-Aventuraça, que está além do mundo físico, mundano e transitório.

Dos prazeres efêmeros à Eterna Bem-Aventuraça

Nossos antepassados classificaram os diferentes tipos de alegria e felicidade que podem ser experimentados. O tipo inferior é *manavaananda*, que se refere ao prazer experimentado pelos humanos no curso normal de suas vidas, relacionado aos objetos, entidades e assuntos mundanos. Mil vezes maior é *gandharvaananda*, a felicidade experimentada pelos seres celestiais. *Daivaananda* é o próximo nível elevado de felicidade; é mil vezes maior do que *gandharvaananda*. Refere-se à alegria experimentada pelos semideuses (*devas*). Ainda maior do que *daivaananda* é *Brihaspathiananda*, a bem-aventuraça experimentada por Brihaspati, o preceptor dos *devas*. Mil vezes maior é *Prajapatiananda*, a alegria experimentada por Prajapati (nas antigas escrituras indianas, Prajapati é aquele ligado aos aspectos práticos da Criação). *Brahmananda* é mil vezes maior do que *Prajapatiananda*, a maior alegria mensurável numa escala finita. Vejam que imenso abismo separa *manavaananda*, a que os homens aspiram e normalmente perseguem e *Brahmananda*, que realmente deveriam buscar.

As pessoas usam o termo *Brahmananda* muito casualmente, sem a menor idéia do seu real significado. Assim, cada prazer trivial é eloquentemente descrito como *Brahmananda*. Por exemplo: uma pessoa faz uma boa refeição e descreve a experiência como *Brahmananda*. As pessoas não entendem o infinito abismo que separa *manavaananda* de *Brahmananda*. Os prazeres que normalmente usufruem, não representam sequer uma descrição mínima de *Brahmananda*. Não compreendem que, enquanto os prazeres mundanos podem ser descritos em palavras, *Brahmananda* é indescritível.

Sandeepan Chatterjee (que falou antes) disse que Amor Divino e Bem-Aventuraça transcendem os limites de espaço e tempo, estando além do entendimento racional. De fato, *Ananda* (Bem-Aventuraça) é *Ananda* em qualquer tempo e sob quaisquer circunstâncias. Uma vez que *Brahman* e *Atma* são sinônimos, *Brahmananda* também pode ser designado como *Atmananda*. A Suprema Bem-Aventuraça é, em verdade, o mesmo que a Bem-Aventuraça do Eu. Na realidade, *Ananda* é apenas outro nome para *Brahman* ou Deus. A felicidade mundana, que os homens tanto desejam, é insignificante em comparação à grandeza de *Brahmananda* e *Atmananda*.

Vocês estão cientes de que o ar está presente em toda parte, sem forma específica. Entretanto, quando o ar sem forma, presente em toda parte, enche um balão, adquire uma forma – a de um balão inflado. Se continuarem a inflar o balão, chegará a um ponto em que o balão vai estourar. O ar do interior do balão irá então misturar-se com o ar externo e tornar-se novamente sem forma e imensurável. Que grande diferença existe entre o ar preso e limitado e o ar livre e imensurável!

Similar é a comparação entre a mínima especulação chamada *mananvaanda* e a infinitude que é *Brahmananda*.

A nossa habilidade em experimentar a felicidade é um dos muitos presentes de Deus. Entretanto, devido à sua limitada visão, as pessoas fazem somente um mínimo uso da sua capacidade de usufruir da felicidade. Estão sempre prontas a contentar-se apenas com *manavaananda*: isso não se faz! Assim como o balão explode, e o ar interno mistura-se ao ar exterior, as pessoas devem fugir da servidão humana, elevando-se ao nível de *Brahmananda*.

Brahmananda é um dos Nomes de Deus. Transmite a idéia de que Deus está sempre num estado de Suprema Bem-Aventura. Portanto, Bem-Aventura é a Forma de Deus, e, por essa razão, Deus é chamado *Brahmananda*. Existem muitos outros nomes que foram mencionados no início.

Parama sukhadam (Bem-Aventura Transcendental): o próximo da lista é *Parama sukhadam*, cujo significado real é êxtase. Que é esse *sukham* (felicidade ou êxtase)? Está ligado ao corpo? É físico, sensorio ou intelectual? Está além de tudo isso. Os nossos antepassados diziam “*Tasmai Namaha*”, que significa “Ofereço minhas saudações à Encarnação da Felicidade”. Não tentaram descrever esse êxtase supremo, mas sabiam que **Deus é** realmente sua Encarnação. Assim, saudavam Deus como *Parama Sukhadam*. **Deus é** a personificação da Felicidade que está além dos limites de tempo e espaço e também do entendimento humano. Para descrever essa Bem-Aventura Transcendental, tudo o que se pode dizer é que ela não é física, nem tem uma forma que possa ser compreendida. O néctar tem uma aparência e o seu sabor poderia, eventualmente, ser descrito; mas a Bem-Aventura Transcendental está além das formas e das palavras. **Deus é** a Bem-Aventura Eterna – que mais se pode dizer? **Deus é** totalmente independente da influência de todos os pares de opostos, tais como censura e elogio, alegrias e tristezas, etc. É sempre supremamente feliz.

Kevalam Jnanamurtim: *Kevalam* significa aquilo que transcende o espaço, o tempo e as circunstâncias. *Jnana* significa sabedoria. Assim, *jnana moortim* significa encarnação da sabedoria. Qual é esse tipo de sabedoria? Pode ser adquirida nos livros? Está conectada ao mundo físico? Pode ser adquirida por meio de exercícios de yoga? *Jnana* não é desse tipo. É sabedoria suprema, transcendental, que está além deste mundo, além do espaço e do tempo, bem como das circunstâncias. Esse *jnana* também é conhecido como *Brahmajnana* (conhecimento de Brahman) ou *Atmajnana* (conhecimento do Atma). É eterno. Mas o conhecimento mundano pode ser adquirido pelos livros, e alguém pode comparar os estudiosos, dizendo que um é o melhor, que esse ou aquele é menos instruído, etc. *Brahmajnana* é absoluto; está além do conhecimento textual e acadêmico.

Somente **Deus é** a Encarnação de *jnana*. De fato, Ele é o próprio *Jnana*. *Brahmajnana* é Eterno, Absoluto e Onipresente. É o conhecimento do Eu. Já que o Eu está em vocês, esse conhecimento também está. No momento em que realizarem o seu Verdadeiro Eu, adquirirão esse conhecimento. Sua aquisição confere suprema sabedoria. Uma vez que esse conhecimento confere também a suprema bem-aventurança, a aquisição de *Brahmajnana*, automaticamente, os elevará ao estado de *Brahmananda* e Bem-aventurança Transcendente.

Dvandvatitham: o estado representado por *Brahmananda* tem outro nome, *dvandvatitham*. É um estado que transcende todas as dualidades, como a dor e o prazer, o bem e o mal, o elogio e a censura, a virtude e o pecado. É um estado único, de Unidade Total. Os Vedas afirmam, “*Ekam Sat viprah bahudha vadanti* (A verdade é Uma, mas os eruditos referem-se a ela de formas diferentes). A verdade é Uma, não dual – isso é o que *dvandvatitham* quer dizer. Significa que *Brahman* ou Deus está infinitamente além da dualidade na qual o homem está aprisionado. O próximo é

Gaganasadrisa: isso significa que, tal como o espaço, a Bem-Aventura Suprema é etérea e interpenetrante. Quem é chamado pelo nome *Gagana Sadrissam*? Deus, naturalmente! Em verdade, todos os termos que Swami mencionou até agora – *Brahmanandam*, *Parama sukhadam*, *Kevalam jnana moortim*, *Dvandvateetham* e agora *Gagana Sadrissam* – são Nomes de Deus Todo-Poderoso.

Tatvamasyadilaksyam (O Objetivo Final): os quatro Vedas declaram quatro *mahavakyas* ou verdades fundamentais: (1) *Prajnanam Brahma* ou **Deus é** Pura Consciência. (2) *Avam Atma Brahma*, significando que o *Atma* (o Eu) e *Brahman* (Deus) são um. (3) *Aham Brahmasmi*, significando Eu sou Deus. (4) *Tat Twam Asi*, significando Você é Aquilo! Todas as quatro declarações implicam o mesmo, isto é, existe apenas Deus, portanto o homem também é divino. Ressaltam a

Unidade da Divindade. Assim, Deus também é designado como *Tatwamasyadhi Lakshyam* ou Objetivo Final (que representa a Unidade Total).

Ekam, Nityam, Vimalam, Acalam: essas quatro palavras também são nomes de Deus. *Ekam* significa Um. Tudo, neste imenso Universo, é somente Deus (embora possa estar “oculto”). Entretanto, o homem é levado pelas aparências físicas, o que o faz perceber e experimentar apenas a diversidade, perdendo totalmente a subjacente Unidade Divina. A diversidade que o homem percebe é só física e superficial. Ele vê somente a diversidade porque a sua visão, bem como a sua percepção do mundo, são ambas inteiramente mundanas e externas.

Digamos que vocês têm o numeral um. Acrescentando-lhe um zero, terão um número que chamam de dez. Adicionando outro zero, terão o número cem. Continuem acrescentando zeros e terão, progressivamente, números maiores. Obterão cem, mil, dez mil, etc. Dessa forma, mediante a simples adição de zeros, poderão aumentar o número para milhões, trilhões, etc. Conseguirão números astronômicos, simplesmente adicionando zeros ao número um. Removam esse um e ficarão apenas com uma insignificante sequência de zeros!. Poderão ter uma grande quantidade de zeros, mas eles não têm valor. Mas coloquem o número um antes dessa sequência de zeros e terão números que representam valor. Esse um faz toda a diferença! No Universo, esse Um é Deus, sendo que um dos Seus Nomes é *Ekam*. Deus é somente Um, não importa o Nome que escolheram para chamá-Lo ou a Forma que desejam atribuir-Lhe.

Nityam: a seguir, temos *Nityam*, que significa Eterno. **Deus não é** apenas Eterno, mas também imutável. Permanece assim em todos os três períodos de tempo – passado, presente e futuro – nos três mundos e também na presença das três qualidades (*gunas*) – *sathwa, rajas, thamas* (pureza, paixão, inércia). Essa divina constância é descrita nas escrituras pela afirmação de que Ele está além de *trikalam* (três períodos de tempo), *trilokam* (três mundos), e *trigunam* (três *gunas*). Portanto, **Deus é Nityam, Nityam, Nityam!**

Vimalam: a seguir, temos *Vimalam*, Pureza. Atualmente, a contaminação e a poluição estão por toda parte. O ar e a água estão poluídos. Os alimentos também estão contaminados e poluídos. Mais grave ainda é a poluição mental. Deus, por outro lado, é a personificação da Pureza Total. É absolutamente imaculado, cristal puro, claro e intocado.

Achalam: significa estável e não oscilante. Todos os objetos e entidades procedentes a partir dos cinco elementos estão sujeitos às modificações decorrentes do tempo. De fato, a mudança é parte inerente a sua natureza. O Sol se modifica com o tempo, bem como a Lua. As estrelas também se modificam com o tempo. A Terra está sempre em movimento. Vocês sabem que, num filme, dezesseis fotogramas mudam por segundo. Assim é na Criação – tudo se modifica a cada momento, em toda parte e em todas as coisas. Mas **Deus é Achalam**, estável e constante.

Calanam Acalameva Ca: **Deus é**, sem dúvida, estável e inalterável, mas também imanente nas coisas que estão sujeitas a mudanças. Apesar disso, sendo a constância a natureza básica do Absoluto, **Deus é** conhecido como *Achalam*.

Sarvadhī Saksibhutam: em acréscimo a todos os nomes mencionados antes, **Deus é** chamado de Eterna Testemunha. Ele é uma testemunha de tudo em todo o tempo.

Os Nomes de Deus não são outorgados pelos homens

Devotos e nobres *rishis*¹ do passado deram muitos Nomes a Deus. Ávidos por experimentar a Divindade, sacrificavam tudo o que era mundano e material, fazendo intensas penitências. Estimulados por seus sentimentos internos, cada sábio conferia a Deus um atributo ou forma de sua livre escolha e designava um nome para Deus de acordo com sua concepção. **Deus é** verdadeiramente sem Forma e sem Nome – todas as descrições de Deus vêm dos antigos *rishis*. Entretanto, Nomes de Deus, tal como *Brahmanandam*, nada têm a ver com as descrições mundanas ou físicas. Transcendem a tudo isso e dizem respeito a um plano superior. Nesse plano, Deus está além de todas as descrições e concepções comuns. É o Ser Supremo, além de toda a dualidade, descrito como:

¹ Sábios.

*Brahmanandam, Paramasukhadam, Kevalam Jnanamurtim,
Dvandvatitam, Gaganasadrisam, Tatvamasyadilaksyam,
Ekam, Nityam, Vimalam, Acalam, Sarvadhiksibhutam.*

Somente Deus tem direito a todos esses Nomes gloriosos.

A abrangente natureza do Nome de Deus

Certa vez, o sábio Narada² deparou-se com o jovem Dhruva³, que praticava uma severa penitência para agradar o Senhor Narayana. Narada disse-lhe, “Dhruva, você é tão jovem. É possível assumir tão grande penitência? Como você irá contemplar em Deus? Em qual forma você irá meditar n’Ele?” Dessa maneira, Narada fez muitas perguntas.

Dhruva sorriu e respondeu, “Ó sábio, a ideia de que eu deveria fazer penitência foi estipulada por Ele. A semente do pensamento torna-se um broto devido a Ele. O broto cresce e transforma-se numa gigantesca árvore por causa d’Ele. E é Ele que faz a árvore frutificar. Não tenho dúvidas de que o mesmo Deus cuidará de mim. Não estudei as *Upanishads* ou outros textos sagrados. Conheço apenas o Nome de Deus”.

Narada perguntou: “Qual Nome você repetirá?”

Dhruva pensou por um momento e respondeu: “Eu repetirei *Gopijana Vallabhava Namaha*”

Aqui o termo *gopi* não se refere só às *gopikas* de Brindavan. *Gopa* significa a Terra, os *Vedas*, o mundo e as vacas. O radical dessas quatro palavras é *Go*. *Gopis* são aqueles que adoram e cuidam dessas quatro entidades sagradas. Adoram a Terra, divulgam os *Vedas*, são fieis às suas palavras e também protegem as vacas. Em princípio, as *gopis* de Brindavan faziam tudo isso. Deus não tem quaisquer nomes por si mesmo, mas vários nomes Lhe são atribuídos.

Dhruva disse a Narada, “Eu sou um entre os *gopis*. Sou uma parte da Terra, uma parte dos *Vedas*, etc. Resumindo, sou um entre as muitas criaturas do Senhor. Quem protege e sustenta a todos? Deus. Esse é Aquele a quem estou adorando com essa repetição”. Swami disse outro dia:

Kleem, Krishnaya, Govindaya, Gopijanavallabhava, Svaha.

Lembrem-se de que *kleem* significa terra, *krishnaya* significa água, *govindaya* significa fogo e as outras duas palavras significam, respectivamente, ar e espaço. Logo, essas cinco palavras simbolizam os cinco elementos, que são a própria personificação de Deus. Portanto, até mesmo a recitação dos nomes de qualquer um dos cinco elementos equivale a chamar por Deus. Todos os cinco termos mencionados são também Nomes de Deus, e não há necessidade de entoar o nome de Krishna, Vishnu ou Shiva. Foi somente após o aparecimento de seitas como Vaishnavites⁴ e Saivites⁵ que surgiu o costume de entoar especificamente nomes como Vishnu e Shiva. Essa prática, não somente limitou a perspectiva sobre Deus, como também promoveu controvérsias indesejadas. Deus não tem qualquer nome específico.

Libertem-se dos desejos e alcancem a Felicidade Perfeita

Tasmai Namah. Essa é uma pequena saudação, aclamando Deus como Encarnação da Suprema Felicidade! Quando vocês são realmente felizes? Vocês se sentem assim, quando estão livres de todas as preocupações e ansiedades. Deus não tem desejos e, por essa razão, está sempre feliz.

² Um dos grandes sábios da literatura védica, filho de Brahma e também mensageiro dos deuses. Devarishi (sábio entre os deuses), Narada é tido como uma das eminências no processo religioso de *bhakti*. É considerado o autor de um *Purana* (*Narada Purana*), dos *Narada-bhakti-sutras* e de inúmeros outros textos védicos.

³ Príncipe abençoado com a existência e a glória eterna como a Estrela Polar, fervoroso devoto de Vishnu. Sua história é contada frequentemente para as crianças hindus como um exemplo de perseverança, devoção, firmeza e destemor.

⁴ Uma das principais tradições do hinduísmo, que se distingue de outras escolas principalmente pela sua adoração a Vishnu (e dos avatares associados a Ele) como Deus.

⁵ Ramo do hinduísmo que venera Shiva como o Deus Supremo.

Tentem ser assim, livres de desejos e também serão sempre felizes. Os desejos e as expectativas mundanas destroem a felicidade. Para alcançar a felicidade permanente, vocês devem ser totalmente livres de desejos. Acreditem ou não, Swami não tem qualquer tipo de preocupação e, por isso, está sempre num estado de Bem-Aventura. Swami não tem pensamentos sobre Si mesmo. Entretanto, como veio com uma forma física e devido a seus contatos com as pessoas, pode, às vezes, parecer preocupado e aborrecido. Mas, em verdade, Swami está além das preocupações e aborrecimentos. Nada quer para Si mesmo de ninguém, em tempo algum. O que quer é somente o seu bem-estar, e esse é Seu sentimento predominante em todo o tempo.

O verdadeiro significado da Autossatisfação

Suponham que desejem comer uma fruta. Querem a fruta para o seu próprio bem ou para o bem da fruta? Não. Querem a fruta porque desejam degustá-la. São atraídos por um belo tecido. Vocês o querem para seu próprio bem ou desejam satisfazer aquele pano? Obviamente, a última opção não é verdadeira; desejam o tecido para si mesmos. O mesmo acontece com o alimento. Dessa forma, cada desejo que têm é para a sua autogratificação. Existe algo em vocês que os direciona, e essa força propulsora surge porque vocês, consciente ou inconscientemente, buscam autossatisfação. Entretanto, em quase todos esses casos, o eu inferior está envolvido, e, por essa razão, todas essas ações são tidas como egoístas. Na espiritualidade, é preciso focar o Eu Superior; todas as ações devem eclodir do desejo de satisfazer esse Ser Superior ou Real. Essa é a verdadeira autossatisfação. Ações que visam à satisfação do Eu Interno não são egoístas no sentido mundano porque estão longe dos desejos mundanos e das expectativas triviais.

O Verdadeiro Eu Interno nada mais é do que *Atma*, e *Brahmananda* é Felicidade relacionada à promoção da satisfação do *Atma*. Além dos nomes já mencionados, o *Atma* é também conhecido como *Paramatma*, *Paratma*, *Ekatma*, etc.

A jornada para Deus deve ser por meio do serviço altruísta à sociedade

Vocês são um indivíduo (*vyashti*). São parte da sociedade (*samasthi*). E a sociedade é uma parte de Deus (*Paramesthi*). O *vyashti* (indivíduo) deve evoluir para *Paramesthi* por meio de *samasthi*. O indivíduo deve envolver-se com a sociedade de algum modo e servi-la altruisticamente. Se, em nome da sua individualidade, vocês se excluem da sociedade, dando prioridade às suas ambições pessoais, etc., nunca poderão unir-se a Deus! Esse tipo de egoísmo é contrário ao espírito de unidade e Unicidade que Deus representa. Aquele que aspira a experimentar *Brahmananda* precisa primeiro desenvolver amor por Deus e o anseio de tornar-se um com Deus. Tal anseio deve ser traduzido em atitudes práticas, primeiramente, unindo-se com a sociedade. Como podem tornar-se um com a sociedade? Pelo serviço altruísta. Quando servem à sociedade de forma altruísta, começarão a compreender que todos são um.

A Iluminação pode acontecer num instante

Os *Vedas* declaram,

*Vedahametam purusam mahantam
Adityavarnam tomasah parastat*

Os antigos *rishis* (sábios) declararam à humanidade: “Ó homem! Nós temos visto Deus no homem. Ele tem o esplendor do Sol latente em si mesmo, mas permanece na escuridão da ignorância”.

As pessoas, então, perguntaram aos *rishis*: “Onde vocês viram esse Deus? No interior ou no exterior?” A isso os *rishis* responderam:

Antarbahisca Tatsarvam Vyapya Narayanassthitah

Deus está em toda parte, tanto no interior quanto no exterior. Então eles acrescentaram: “Homem, Deus está em você. Você tem o esplendor do Sol, mas a escuridão da ignorância oculta esse resplendor”. Os *rishis* viam Deus em toda parte. Como Deus é Onipresente, a Bem-Aventura também está em toda parte, pois ela é a Forma de Deus. Deus não tem desejos, e, por esse motivo, o estado atribuído a Ele é designado como Suprema Felicidade

(*Parama Sukadam*). Se não houver desejos, então se pode, verdadeiramente, experimentar a Eterna e Suprema Felicidade que **Deus é**.

A ausência de desejos também faz de Deus a personificação do Supremo Conhecimento. Supremo Conhecimento existe quando há Suprema Bem-Aventura – ambos caminham juntos. Assim, Supremo Conhecimento, Suprema Felicidade e Suprema Bem-Aventura – são todos sinônimos de Deus. Esses aspectos de Deus não são resultado de efeitos casuais, mas são intrínsecos a Deus. O Todo-Poderoso transcende a razão, está além da causalidade, do espaço e do tempo. Ele tampouco é limitado pelas circunstâncias.

Aqui está um exemplo: vocês estão agora aqui, em Brindavam, dormindo em seus quartos e sonham que estão em Calcutá. Por que foram a Calcutá? Como viajaram até Calcutá? Quem os acompanha? Em quanto tempo chegaram lá? Não há respostas válidas a tais perguntas por que o sonho está além do espaço, do tempo e das circunstâncias, tais como se experimentam no estado de vigília.

Suponham que realmente queiram ir a Calcutá. Pegarão um voo às 7h e, em cerca de três horas, estarão fisicamente lá. No aeroporto de Calcutá, pegam um taxi e vão para uma casa. Para quê? Para encontrar seus parentes. Assim, na vida real, há um propósito para a viagem – vocês querem encontrar seus parentes, esse é o propósito. A viagem é por via aérea e feita pela manhã. A duração da viagem é de três horas. A partida é pela manhã. As experiências no estado de vigília são, portanto, governadas inteiramente pelo tempo, espaço, razão e circunstâncias. Por outro lado, as experiências durante os sonhos estão completamente além de todas essas considerações.

A experiência no estado de sonho ilustra outro aspecto importante. Você adormece logo, à noite. A 1h30min da madrugada, levanta para ir ao banheiro. Volta e adormece novamente. A hora agora é 1h35min. Você começa a sonhar. No sonho, vê-se crescendo, estudando, trabalhando, casando, tendo um filho e, mais tarde, brincando com esse filho. No sonho, a criança chora. Num impulso, você acorda. Olha para o relógio. Ele marca 1h40min. Em somente cinco minutos de sonho, você experimentou tantas etapas da vida que tomam, aproximadamente, quarenta anos na vida real. Da mesma forma, se vocês estiverem aptos a atingir o estado transcendental de *turiyvavasta*, poderão experimentar Deus em apenas uma fração de segundo. Poderão, admirados, indagar: “Isso é possível?” Bem, pode alguém explicar como é possível que, em cinco minutos de sonho, seja vivido o que leva quarenta anos na vida real? Ninguém pode. Da mesma forma, também, embora ninguém possa explicar, é possível experimentar a Divindade, literalmente, num instante.

Aqui temos outro exemplo: você mora numa casa, surgem certas circunstâncias, e você vai para o exterior, fechando a casa. Depois de passar dez anos lá fora, volta. Abre a tranca e entra. A seguir, liga o interruptor. A sala onde está permaneceu escura durante dez anos, mas, num instante, encheu-se de luz. Só levou um segundo para ser ligado o interruptor, e, num instante, a escuridão foi removida. Do mesmo modo, não necessariamente se passam eras para que a escuridão da ignorância seja removida, e ocorra a Iluminação. A iluminação é um processo que está além da razão e da ocasião. Por quê? Porque Deus, que confere a Iluminação, também está além da compreensão. Direcionar intensamente o seu intelecto para Deus equivale a acionar o interruptor. Quando o interruptor espiritual é acionado, a Suprema Bem-Aventura pode ser imediatamente experimentada. Portanto, a realização desse exaltado estado, várias vezes designado como *Brahmanandam*, *Parama Sukhadam*, etc., pode ocorrer instantaneamente, sem qualquer razão aparente. Para ter essa experiência, vocês não precisam retirar-se para a floresta como as pessoas inadvertidamente imaginam; isso pode acontecer-lhes bem aqui.

Ofereçam serviço e recebam amor!

A paz está bem em seu interior. Para experimentá-la em seu interior, pensam em retirar-se para a floresta? Tais pensamentos são tolos; a paz está num lugar e pensam em procurá-la em outro. A paz está no interior de vocês! Se querem descobrir esse tesouro em seu interior, então, como Swami disse antes, devem servir aos outros e experimentar o amor. Se assim fizerem, então, automaticamente, descobrirão a paz. A Iluminação é nada mais do que experimentar a paz e o amor dentro de si e essa iluminação não é nada mais do que a Suprema Bem-Aventura e a Felicidade Absoluta.

Quando a mente oscila, a fé também vacila

Tudo está dentro de vocês. É por isso que se diz,

*Sarvatah Panipadam Tatsarvato'ksi Siromukham
Sarvatah Srrimalloke Sarvamavrtya Tisthati.*

Com as mãos e os pés em toda parte, com olhos, cabeças, bocas e ouvidos em todo lugar, Ele existe, envolvendo tudo. Ele permeia todos estes meios.

Certa vez, Krishna perguntou a Arjuna: “Que idade você tem?”

Arjuna respondeu: “Tenho setenta anos”.

Krishna então disse: “Arjuna, você sabe Minha idade? Tenho setenta e cinco anos!”

Para este corpo os setenta e cinco também estão chegando! (Obviamente, essa é uma referência ao Seu futuro aniversário de setenta e cinco anos. Talvez Swami estivesse dando uma “dica” para os que se esqueceram de que Ele não é outro senão Krishna vindo novamente!) Bhishma estava então com cento e treze anos. Com essa idade, serviu como comandante em chefe das forças dos Kaurava, na guerra de Kurukshetra. Podem imaginar tal coisa hoje, com essa idade? As pessoas viviam muito naquela época.

Quando a mente não é estável e oscila, ocorrem aberrações. Certa vez, Krishna repreendeu Arjuna: “Ensinei-lhe a *Gita* e dei-lhe muitos conselhos espirituais; mas você não se lembra de nada. Quer saber por quê? Porque não considera Meus ensinamentos como importantes. Você é indiferente a eles e, por isso, esqueceu tudo que lhe ensinei. Se os tivesse considerado importantes, ter-se-ia lembrado de todos Meus ensinamentos. Também se esqueceu de que estivemos juntos em muitas vidas”.

Arjuna desculpou-se e humildemente perguntou: “Senhor, como pode lembrar-se de tudo, enquanto eu não sou capaz?”

Isso é esquecimento.

O Ser Real ou Eu interno
Está sempre consciente em todos os estados,
Seja no estado de vigília,
No estado de sonho,
Ou no estado de sono profundo,
Ele desconhece o esquecimento.

Você, entretanto, não está no estado de *Taraka* ou de Perfeita Consciência, mas sim no estado tamásico, que é o de torpor.

Arjuna estava confuso e perguntou, “Como pode ser isso, Senhor? Eu não sou de todo um néscio”.

Krishna sorriu e respondeu: “Ah! É assim? Então, diga-Me. Temos estado juntos por tanto tempo. Você pode lembrar-se de todos os acontecimentos? Você não consegue. Mas lembra-se de seu aniversário e também do dia do seu casamento com Subhadra, mesmo tendo acontecido há décadas. Arjuna, onde estava você no ano passado, no dia de *Chaturdasi* (décimo quarto) do mês de *Margashirsha* (aproximadamente, novembro)?”

Um abatido Arjuna respondeu: “Não me lembro”. Krishna continuou: “Você pode recordar com precisão a data de seu casamento, que aconteceu há cinquenta anos, mas não se lembra de onde estava num determinado dia do ano passado! Isso demonstra a tendência humana para o esquecimento, causada pela oscilação da mente”.

Pouco tempo após essa conversa, faleceu o filho de Arjuna, Abhimanyu. Mas Arjuna não sabia disso. Quando voltou para casa, pensou: “Toda noite, ao voltar do campo de batalha, meu filho costuma receber-me. Por que, hoje, não veio? Krishna, que estava ao lado de Arjuna e já sabia da morte de Abhimanyu, não lhe disse coisa alguma. Há um tempo e um lugar para tudo. No devido momento, Arjuna ficaria ciente dos acontecimentos. No drama de Deus, há um tempo e um lugar para tudo.

Quando Arjuna soube da morte de Abhimanyu, não suportou o choque e perdeu o controle. Gritou com Krishna, chamando-o de *Vamsanaasi!* (destruidor do clã), por não ter protegido seu filho. “Nós todos somos muito velhos, agora, para termos filhos novamente. Com a morte de Abhimanyu, nossa linhagem terminou, e você é o responsável”.

Krishna sorriu e disse: “Arjuna, sua mente está oscilando. Agora você, dominado pelo pesar e agitado pela emoção, fala sem pensar. Mas não importa, esse humor passará”.

Algum tempo depois, a esposa de Abhimanyu teve um bebê, mas, infelizmente, ele nasceu morto. Draupadi tomou a criança morta em suas mãos e disse: “Ai de mim! Até esta criança está morta”. Sahadeva foi enviada para buscar Krishna. Krishna veio. Draupadi levou o corpo do natimorto até Krishna e disse, “Ó Krishna, você nos deu o presente de uma criança morta?”

Krishna, como de costume, estava sorridente. Era seu hábito sorrir sempre, fosse qual fosse a situação. Outros poderiam ficar preocupados, ansiosos, perturbados ou desesperados, mas Krishna estava sempre sorrindo. Aflição e sofrimento nunca podiam tocá-Lo. Estava muito além disso. Krishna disse a Draupadi: “Esta criança é a réplica exata de Abhimanyu. Seus olhos são como os de Abhimanyu, bem como o seu rosto”.

Arjuna não pode suportar a situação e gritou: “Sim, a respiração também é igual. Abhimanyu está morto e assim também esta criança!”.

Krishna sorriu e repreendeu Arjuna: “Você é um tolo, incapaz de compreender o que estou dizendo”. Krishna então ignorou Arjuna e continuou falando a Draupadi. Ela tinha absoluta fé em Krishna e na Sua boa vontade em fazer tudo por Seus devotos.

Em matéria de devoção, as mulheres são exemplares. É a esposa que arrasta o marido para Deus. Deus deu a devoção de presente (*bhakti*) às mulheres e a sabedoria (*jnana*) aos homens. Na linguagem da corte, enquanto os homens só podem subir até o Salão Durbar (onde o Rei rege a corte), as mulheres podem ir aos aposentos internos (local destinado às mulheres). Da mesma forma, a devoção da mulher pode levá-la bem para dentro do coração de Deus, enquanto esse acesso não é tão fácil para o homem. Por quê? Porque, comparado à mulher, o homem tem menos fé em Deus e, conseqüentemente, menos devoção. As mulheres, por outro lado, têm fé total. Arjuna não acreditou que Krishna faria algo, mas Draupadi tinha plena fé de que Krishna traria a criança morta de volta à vida.

Os irmãos Pandava estavam todos sentados lá, aparentando total abatimento. Enquanto isso, Krishna continuava Sua conversação. Arjuna fervia internamente, mas era incapaz de dizer qualquer coisa. De repente, Krishna disse a Draupadi: “Irmã, dê-me a criança”. Draupadi assim fez. Krishna afagou a criança, e o bebê começou a chorar. Os Pandavas estavam estupefatos; inacreditável, mas a criança morta voltou à vida! Eles gritaram de alegria, enquanto Krishna deu o nome ao bebê de Parikshit, já que Ele os fez suportar o seu *pariksha* (teste) antes de dar vida à criança.

Arjuna testemunhou o milagre. Correu para Krishna, caiu a Seus pés e O saudou: “Krishna! *Vamsodharaka!* (Krishna, o Emancipador do clã)”. Krishna sorriu: “Arjuna, há alguns momentos, você Me chamou de destruidor do clã e agora Me saúda como o Emancipador do clã. Como você muda tão depressa! Como é tão volúvel! Como a sua mente oscila!”

Se vocês dizem sim, Sai diz sim.

Se vocês dizem não, Sai também diz não.

Esse sim e esse não dizem respeito a vocês,

Mas, para Sai, é sempre sim, sim e sim! (Aplausos)

Num momento, Krishna foi chamado de destruidor e, no outro, de Emancipador. Tais designações não se referiam a Krishna, mas à pessoa que usa os termos. Elas refletem a oscilação da mente do homem. **Deus é** imutável e está para além das flutuações.

Tendo Parikshit revivido, todos ficaram muito felizes. Estavam sentados ao redor de Krishna. Arjuna aproximou-se de Krishna e, gentilmente, perguntou: “Senhor, por que Você deixou o meu filho Abhimanyu morrer tão jovem? Não tive sequer a oportunidade de vê-lo antes de sua morte. A morte deveria vir tão cedo? Você não poderia tê-lo deixado viver um pouco mais?”

Krishna respondeu: “Ó tolo, você determina a idade de uma pessoa olhando para o seu corpo atual. A idade da qual você fala, realmente, não tem importância alguma. O nascimento e a morte do corpo seguem a lei da natureza.

Aqui está um exemplo que ilustra como se deve compreender a assim chamada morte precoce ou prematura. Suponham que vocês vão para a Cachemira. Vocês podem não estar cientes, mas a Cachemira foi o Estado de nascimento de Kaikeyi. Lá, na Cachemira, vocês adquirem um tecido de lã para fazer uma roupa. Depois de seu retorno, colocam o pano num armário e a esquecem. Passam-se dez anos e vocês estão prestes a mudar-se de residência. Embalando os pertences para a mudança, descobrem a lã que guardaram por tanto tempo. Vocês sentem ter esquecido esse belo tecido por todos aqueles anos. Nesse mesmo dia, vão a um alfaiate e pedem-lhe que faça um belo casaco. Logo, a roupa fica pronta, e vocês a vestem para ir a uma festa de casamento. Lá é servido um jantar em *self-service*. Vocês se curvam um pouco com o prato para servir-se. De repente, vocês percebem que sua roupa rasgou e... lágrimas (risos). Vocês ficam tristes e pensam: “Uma roupa novinha; como pode rasgar-se assim?” Sim, a roupa realmente é nova, mas o tecido não é novo; é velho.

Krishna disse a Arjuna: “Abhimanyu não morreu jovem como você imagina. Ele era ‘um estoque antigo’. Nesta vida, ele pode ter vivido por apenas alguns anos, mas na realidade, aquele que você chama de Abhimanyu não era, de modo algum, jovem”.

Arjuna respondeu: “Senhor, eu não estava ciente dessas sutilezas!”. Krishna sorriu, “Sim, Meu querido filho, vida e morte são, ambas, mistérios! Você não será capaz de compreendê-las”.

Tenham a experiência de Deus, mas não tentem analisá-Lo

Não é possível, para ninguém, compreender o Divino. O que Deus faz num determinado momento pode parecer contraditório em relação ao que Ele faz no momento seguinte. As ações de Deus são inescrutáveis, além do tempo, do espaço e da razão humana. Como Swami diz com frequência, “Sem razão, sem estação (*no reason, no season*)!”. É, portanto, sem sentido e impróprio tanto analisar as ações de Deus como interpretá-las. Se Deus diz “Sim”, assim será. Se diz “Não” assim também será. Isso é o Destino! Vocês devem aceitar tudo e não argumentar. Questionar as ações de Deus significa falta de fé.

Suponham que vocês saiam para ir às compras e lá contem às pessoas o que Swami estava dizendo. Vocês lhes dizem que Swami é Deus. Um homem, na multidão, pergunta-lhes: “Onde está Deus?” Vocês lhes dizem: “Está ali, no palco, fazendo um discurso”. Ele argumenta: “Aquele não é Deus, Deus não existe”. Vocês, então, devem dizer-lhe: “Se você diz que Deus não existe, isso se aplica somente a você e não a mim. Para mim, Deus existe. Que direito tem você de dizer-me que Deus não existe? Acreditar em Deus é um direito meu. Se você está destinado a não ter fé em Deus, essa é a sua má sorte”. Sua fé em Deus deve ser forte. Se o for, Deus certamente sempre responderá. Se vocês declararem, enfaticamente, a sua firme crença em Deus, os descrentes, automaticamente, calar-se-ão e afastar-se-ão.

Vocês devem entender que a Criação é cheia de mistérios. As onze palavras que começam com Brahmananda não são louvores e nem descrições de Deus. Na realidade são Nomes de Deus.

O consagrado *Gayatri Mantra* tem três partes principais:

*Om Bhur Bhuvassuvah, Tatsavitur Varenyam,
Bhargo Devasya Dhimahi,
Dhiyo Yonah Pracodayat.*

Primeiro há o louvor, depois vem a meditação; finalmente, a oração. Adoração, meditação e oração. Mas o hino que começa com Brahmananda vai muito além, até mesmo do famoso Gayatri. As palavras Brahmananda, etc. não têm nada a ver com louvor, são os próprios Nomes de Deus. O Gayatri Mantra é o presente do sábio Viswamitra à humanidade. Ele tem uma base, pode ser analisado. Seu significado pode ser compreendido. Mas o Princípio Divino (ao qual as palavras Brahmananda, etc. referem-se) está além do raciocínio humano, da análise humana, bem como do entendimento humano.

Deus desconhece o sofrimento, não tem dor e está além do pensamento. Sofrimento e aflição só chegam aos que pensam, enquanto aquele sem pensamentos está sempre feliz. **Deus é** (ou está) além dos pensamentos e está, por essa razão, sempre em Bem-Aventura. Não importa o que as pessoas digam a Ele, Swami sempre responde dizendo: “Santosham, santosham” (“Estou feliz em ouvir isso”). Eis a razão por que Swami é Bem-Aventura Transcendental (*Parama Sukhadam*).

Uma senhora aproxima-se chorando de Swami e diz, “Swami, meu marido morreu”. Swami responde: “Santosham”. A senhora, chocada, pergunta: “O que, Swami! Estou-Lhe dizendo que o meu marido morreu e Você diz que está feliz?! Você está feliz porque o meu marido morreu?” Swami responde, “Não importa o que você diz. Para Swami, sempre é *santosham, santosham, santosham!*” Certa vez, uma pessoa disse a Swami: “Nosso pessoal sofreu um acidente.” Swami disse: “*Chala Santosham* (muito feliz)”.

Swami está sempre feliz. Que há para se ser infeliz? O que tiver de acontecer, de acordo com o destino, acontecerá. Por que, então, aborrecer-se e sentir tristeza? Vida e morte são naturais. São comuns a todos e não direcionados, especificamente, a esta ou aquela pessoa. Portanto, é preciso enfrentar calmamente o veredicto do destino e aceitar com equanimidade o que vier a acontecer. As pessoas sofrem, não em virtude do destino, mas em virtude dos desejos e dos apegos. Se vocês tiverem apego às coisas do mundo, estarão presos à experiência de alegria e sofrimento alternadamente. O prazer e a dor são partes integrantes do mundo dual.

Tudo acontece de acordo com a vontade de Deus. Ele dá e toma de volta o que Ele quer e quando quer. Vocês talvez já tenham visto alguns vagões de mercadorias, que têm determinada marcação: data do retorno. Isso significa que, na data prevista, o vagão deve voltar ao departamento ferroviário original. O corpo é como os “bens do vagão”. Quando é enviado para cá, uma data de retorno é estampada nele, mesmo que não estejam cientes dela. Quando a devida data chega, o corpo volta para onde veio, e isso é tudo. Assim, quando ocorre um nascimento, também haverá morte. Os dois aspectos formam um par natural. Portanto, ninguém deve entregar-se ao sofrimento por causa da morte.

Há Bem-Aventura em todo aspecto da vida, e **Deus é** pura Bem-Aventura. Já que Deus está em vocês, vocês devem ser sempre felizes. Devem ser sempre cheios de amor. Jamais permitam que o amor se torne poluído, ou se degrade em ódio.